



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação

BEATRIZ BARBOSA AZEVEDO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DA
IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

BRASÍLIA - DF

2018

BEATRIZ BARBOSA AZEVEDO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DA
IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação, como requisito à obtenção de título de graduação do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob orientação da professora doutora Cristina Massot Madeira Coelho.

BRASÍLIA - DF

2018

BEATRIZ BARBOSA AZEVEDO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DA
IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cristina Massot Madeira Coelho
Orientadora – Universidade de Brasília

Prof^a .Dr^a. Paula Gomes de Oliveira
Banca Examinadora -Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Prof^a .Msc. Débora Cristina Sales da Cruz Vieira
Banca Examinadora - Secretaria de Estado de Educação

Prof^a. Especialista Kátia Oliveira da Silva
Avaliadora Suplente - Secretaria de Estado de Educação

BRASÍLIA -DF

2018

"A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro."

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** por tudo que ele tem proporcionado à minha vida, à minha saúde e a força que ele me dá para que eu possa superar os meus obstáculos diários.

Aos meus pais, **Vilma Barbosa e Manoel Macêdo**. Um agradecimento mais que especial para minha mãe que me mostrou que a educação é o melhor caminho, sempre esteve a disposição de me ajudar no que precisava, sempre me acompanhando e incentivando a buscar o melhor para minha vida e que todo o meu crescimento dependerá sempre da minha força de vontade e perseverança.

Ao meu namorado **Arthur Wilkersson**, meu melhor amigo, companheiro, que despertou o sentimento tão belo que é o amor. Me acompanha desde o Ensino Médio e está presente em todos os momentos da minha vida, sempre me dando força, me apoiando e me ajudando em tudo que está ao seu alcance, aguentando meus momentos de chatices, mas sempre ao meu lado.

Aos meus **professores e coordenadores do Ensino Médio**, que despertaram em mim o desejo de ser educadora.

Agradeço às minhas amigas **Aline Lima, Amanda Medeiros, Bruna Tosatte e Gisele Karolina**, que serão levadas para a vida. Logo no início do curso de Pedagogia passaram a me acompanhar nos momentos de felicidade e desespero que um semestre pesado proporciona. Dentre outros, agradeço o companheirismo, amizade, momentos de estudos, pelas tantas risadas que demos juntas, por terem contribuído e dividido saberes e vivências excepcionais que fizeram rica cada experiência vivida durante esses anos.

Um agradecimento especial para minha amiga **Ariana Lana**, que proporciona momentos de felicidade que só ela consegue, por conta do seu jeito carismático e alegre de ser, é uma pessoa que Deus colocou em minha vida de uma forma tão gratificante, Ariana é uma pessoa maravilhosa. Me ajudando e levantando meu astral nos momentos que estou desmotivada.

Aos **meu chefes do trabalho no Departamento de Processos Psicológicos Básicos - IP/UnB, Professora Rachel Nunes da Cunha, Daniel Milke e Rodolfo Santos**, que me ajudaram a melhorar a forma de comunicação, que acabou me levando a deixar a timidez de lado, e pelo auxílio em relação aos meus estudos, pois sempre que necessitava, me liberavam para fazer uma disciplina do curso ou até mesmo realizar o estágio obrigatório.

Às **Instituições de Ensino** que abriram suas portas para que eu pudesse realizar os meus estágios obrigatórios e adquirir experiências excepcionais que poderei levar para o resto da vida.

Às professoras **Simone Melo, Elissandra Bueno e Elzira Ferreira** que fizeram uma grande diferença e ampliaram meu olhar para os diferentes tipos de ensino e aprendizagem, e principalmente o olhar diferente nas perspectivas educativas.

À **Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho**, pela honra em tê-la como orientadora, pela paciência e ajuda de sempre, pela compreensão, pelo carinho que sinto por ela, pelos conhecimentos adquiridos desde o Projeto 4 Fase 1 graças aos seus saberes.

RESUMO

Este trabalho traz como tema "Leitura e contação de histórias: no desenvolvimento da imaginação na educação infantil" e tem como objetivo compreender o valor das práticas da leitura e contação de história no desenvolvimento da imaginação das crianças na Educação Infantil. Durante o Estágio Obrigatório do curso de Pedagogia ao longo do ano de 2017, em uma turma de Educação Infantil, com crianças de quatro e cinco anos de idade, planejei em vários momentos, a contação de histórias, utilizando a leitura como metodologia para a realização de atividades lúdicas com ênfase no trabalho com imaginação. A partir das leituras realizadas durante a graduação e na prática do estágio, cheguei à seguinte questão: "Como a leitura desenvolve o imaginário das crianças?". Busquei entender a ligação entre a literatura infantil e imaginação e identificar os processos em que os dois estão constituídos. Assim, pude entender que a contação de histórias possibilita experiências desafiadoras e construtivas para as crianças, pois basta o professor saber planejar e escolher uma boa história e um recurso propício para contá-la, de forma para atrair a atenção das crianças e prepará-las para novas descobertas em todos os meios de vivência.

Palavras-chave: Literatura. Contação de História. Imaginação Infantil.

SUMÁRIO

MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 A LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO	14
1.2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
1.3 LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	18
1.4 IMAGINAÇÃO - O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE	20
OBJETIVOS	23
2. CAPÍTULO II - METODOLOGIA	24
2.1 - ESTUDO QUALITATIVO	24
2.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA	24
2.3 DESCRIÇÃO DA ESCOLA	26
2.4 CARACTERÍSTICAS DA TURMA	27
2.6 PLANEJAMENTO	27
2.6.1 BARQUINHO DE PAPEL	28
2.6.2 CHAPEUZINHO VERMELHO	29
2.6.3 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	29
2.7 REGISTROS	30
3. CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO	31
3.1 PASSEIO PELO PARQUE DE DIVERSÕES	31
3.2 BARQUINHO DE PAPEL	33
3.3 CHAPEUZINHO VERMELHO	35
3.4 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
PERSPECTIVAS FUTURAS	42
REFERÊNCIAS	43

MEMORIAL

Meu nome é Beatriz Barbosa Azevedo. Nasci no dia 21 de novembro de 1994 na cidade de Taguatinga - Brasília/DF. Filha de Vilma Barbosa Azevedo e Manoel Macêdo de Azevedo, ambos nascidos na Paraíba. Meus pais vieram morar em Brasília para construir uma família e se estabilizar financeiramente. Tiveram três filhos, minha irmã Bruna, eu e meu irmão Lucas, a diferença de idade entre mim e meus irmãos é de 7 anos. Como a vida não é mil maravilhas, meus pais se divorciaram em 2010. Meu pai nunca foi presente na nossa vida escolar, mas a minha mãe sempre acompanhou nosso período escolar, que é crucial para o desenvolvimento de qualquer pessoa.

Minha vida escolar começou no ano de 1998, na Escolinha do Léleu na Ceilândia - DF, mesma escola que minha irmã estudou na Educação Infantil e posteriormente foi a vez do meu irmão estudar nessa mesma escola. Desde pequena sempre gostei de ir à escola por considerar um ambiente agradável onde eu me sentia acolhida pelos meus colegas e pelas professoras. Nesta escola cursei o Jardim 1, 2 e 3. Tive uma professora muito boa chamada Cris que sempre me chamava pra ser sua ajudante dentro de sala, com ela fui alfabetizada.

Durante o Ensino Fundamental da 1ª à 5ª série estudei no Colégio AD1, uma escola particular de grande proporção, pois havia desde Educação Infantil até o Ensino Médio. Lá conheci uma professora maravilhosa, a professora Laíze, lembro que ela fazia muitas contações de histórias incentivando sempre a leitura.

Na minha 6ª e 7ª série do ensino fundamental, minha mãe me mudou para o Colégio Ceneb, uma escola muito conhecida na Ceilândia por ser uma instituição de caráter religioso e bem exigente com seus alunos e com toda equipe. Concluí o meu ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 19 - Ceilândia, também por opção da minha mãe.

Cursei o Ensino Médio no Centro de Ensino Médio 04 da Ceilândia, uma das escolas referência em índice de aprovação na Universidade de Brasília. Lá fiz grandes amizades e tive acompanhamentos pedagógicos que a escola proporcionava aos seus alunos. Nesse período de Ensino Médio fiz um curso de Língua Espanhola no Cilec - Centro Interescolar de Línguas, que despertou uma paixão por essa língua que aparentemente é fácil, mas ao mesmo tempo difícil.

Enfim, minha trajetória escolar do Jardim de Infância ao Ensino Médio foi maravilhosa, conheci pessoas incríveis, vivi momentos inesquecíveis, tive experiências excelentes, vivências boas que ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje.

Ao término do ensino médio em 2012, fiquei confusa e não sabia que curso escolher, pois afinal eu sempre quis ser professora, porém em tudo por que eu estudava e não conseguia definir qual era a matéria que eu tinha mais afinidade para poder pensar em uma profissão. Em 2013, participei de um programa voluntário do governo de Distrito Federal vinculado com a Secretária de Educação, proporcionando um trabalho conjunto com a psicopedagoga da mesma escola que estudei durante o Ensino Médio, e foi ai que escolhi fazer Pedagogia. Fiz o Enem, mas não passei, fiz o Vestibular da UnB e felizmente passei para Pedagogia.

Entrei para o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília no 2º semestre do Ano de 2014. Quando entrei na Universidade de Brasília fui bem acolhida como caloura, o pessoal da Faculdade de Educação tanto os alunos, quanto os funcionários da universidade são bem tranquilos e receptivos, o que me proporcionou maior segurança para fazer o curso.

Desde que iniciei o curso de pedagogia, me comprometi com o mesmo dedicando-me ao máximo para fazê-lo com responsabilidade e poder ter um bom aproveitamento, adquirindo conhecimentos que poderei levar para toda a vida.

Logo no segundo semestre, comecei a estagiar no Departamento de Processos Psicológicos Básicos do Instituto de Psicologia na própria UnB. Lá fiz amizades e conheci pessoas maravilhosas, que ajudaram no meu desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, neste local fiquei como estagiária durante dois anos que era o limite do tempo de contrato de estágio. Antes de completar os dois anos passei no processo seletivo do Sesc - Serviço Social do Comércio, para trabalhar na área de Educação. Fui para a unidade do Edusesc - Módulo de Educação e Cultura, onde trabalhei com duas turmas, uma de creche 3 anos e outra de 1º ano do Ensino Fundamental, foi uma experiência enriquecedora para a minha formação, pois o que vi em teoria durante todo curso pude colocar em prática durante esse momento de estágio.

Dediquei-me ao máximo para concluir o curso, mas não o tanto que eu queria, pois não tenho o tempo necessário desejado para a dedicação total a ele, afinal trabalho desde o segundo semestre de 13 às 18 horas diariamente, logo, tenho que dividir o meu tempo de estudos com o meu trabalho, que é o que me dá atualmente condições financeiras para que eu possa realizar e alcançar o que desejo.

Dentro da Universidade de Brasília, conheci pessoas maravilhosas, professores(as) grandiosos(as) e pude vivenciar momentos inesquecíveis, com projetos, oficinas, grupos de amigos. Mas como nem tudo são flores, também conheci pessoas maldosas, professores terríveis que por muitas vezes fizeram desenvolver crises de ansiedade, tive problemas assim

como todos, mas enfim, barreiras são necessárias para que possamos quebrá-las e nos tornarmos fortes para sobrevivermos amanhã.

Com o término do curso se aproximando, tive que fazer os estágios obrigatórios que serviram de base para a minha Monografia, afinal os estágios se tornaram material desse trabalho de conclusão de curso como relatos de experiências, do concreto, do vivido.

Quando me matriculei na primeira fase do estágio obrigatório eu não havia nem pensando sobre o que eu poderia analisar dentro de uma escola, que tema eu poderia escolher para começar a pesquisar e me aprofundar. Até que iniciei o estágio obrigatório e grande parte das atividades desenvolvidas eram relacionadas à leitura e a contação de histórias. Ao chegar na segunda fase do estágio com exercício de regência, decidi ter como foco de interesse a leitura e contação de história no desenvolvimento da imaginação e fui ajudada pela professora Cristina com essa escolha.

Acredito que a contação de histórias se apresenta como um rico meio para o desenvolvimento das crianças, mas acho que a maioria dos professores, geralmente, não tem consciência do seu valor como suporte no processo de ensino aprendizagem, e isso me instigou a fazer observações nesse sentido também durante os períodos dos estágios.

Com a graduação no curso de pedagogia, poderei realizar concursos para o nível superior, o que no momento é a minha primeira meta, e posteriormente dar continuidade em minha formação. O curso de pedagogia é maravilhoso, me proporcionou experiências excelentes com os estágios realizados, conheci pessoas ótimas, professores maravilhosos.

INTRODUÇÃO

Todos nós somos contadores de histórias, contamos histórias variadas, sobre diversos assuntos. A maioria de nós gosta muito de narrar histórias, contar como foi o dia, relembrar alguma vivência ou repassar algum ensinamento. Tudo que narramos é história.

Ler e contar histórias são atividades essenciais às pessoas, pois, além de auxiliar no domínio da oralidade, é uma excelente forma de adquirir os mais variados conhecimentos. A contação de histórias desenvolve o imaginário, estimula a observação e facilita a expressão de ideias.

Com a tecnologia, o conteúdo escrito se tornou mais acessível, permitindo que qualquer pessoa com um computador, tablet ou celular, tenha acesso à vários tipos conteúdos e livros, aumentando assim o contato com a leitura, pois o que mais nos deparamos são crianças conectadas em celulares e tablets, e podemos utilizar essa tecnologia para estimular o hábito à leitura, motivando as crianças a ler livros disponíveis da internet ou ouvir histórias por meio das mídias sociais.

Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre leitura e contação de história para o desenvolvimento da imaginação infantil, procurando responder a questão-problema que se investiga neste trabalho que é: Como a leitura desenvolve o imaginário das crianças?

Por meio da imaginação que nos faz viajar, entrar na história e nos possibilita novas vivências, novas ideias, afetos, mundos e linguagens. Ela se transforma em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, com a contação de história, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. (VIGOTSKI, 2009).

A contação de histórias fornece elementos para a imaginação, estimula a observação e facilita a expressão de ideias. Através da prática da contação de histórias, o mundo literário do leitor e ouvinte se torna mais amplo, incentivando-os ao gosto pela leitura, bem como, o desenvolvimento da inteligência da criança de forma criativa.

A literatura é uma arte abrangente, que representa a vida como um todo. É uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois de um lado, expressa a experiência do autor e de outro com possibilidade de provocar uma experiência no leitor.

Este trabalho está organizado em três capítulos que abordamos seguintes elementos:

- Capítulo I: Fundamentação teórica, em que conceituo a literatura infantil, a contação de história na educação infantil, a leitura e contação de história e a imaginação no desenvolvimento da criatividade.
- Capítulo II: Metodologia, em que se descreve a metodologia, o contexto, os participantes e os instrumentos de pesquisa.
- Capítulo III: Análise e Discussão, onde contarei alguns episódios que aconteceram no momento da prática docente como relatos de experiência refletidos em relação à fundamentação teórica.

Além das considerações finais, onde procuro sintetizar tudo o que foi realizado durante o trabalho, orientando as perspectivas que tenho para o meu futuro.

1. CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base deste trabalho é a prática da leitura, a contação de história e a imaginação, portanto, estes três conceitos são abordados nas quatro partes em que se divide este capítulo, uma para cada conceito: Literatura Infantil, Contação de História, Leitura e Contação de Histórias e Imaginação.

1.1 A LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO

O surgimento da Literatura Infantil vem do movimento da ascensão da burguesia na sociedade européia durante o século XVIII em que uma nova ordem social e política requeriam novas formas de se estabelecerem as relações sociais. Neste sentido, a infância e a criança tornam-se foco de atenções e a literatura infantil, constitui-se como gênero em meio a transformações sociais e repercussões no meio artístico.

Embora pareça ser natural, o sentimento de infância é algo que caracteriza todo ser humano, a sua essência enquanto ser, o seu modo de agir e pensar, que a diferencia do adulto e, portanto merece um olhar mais específico e uma reorganização da escola e de toda uma produção específica, voltada para o consumo de artefatos culturais incluindo o livro infantil.

A Literatura Infantil é uma arte abrangente, que representa a vida como um todo. É uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois de um lado, expressa a experiência do autor e de outro provoca uma experiência no leitor.

Cada época compreendeu e apresentou a literatura à sua maneira. Ela representa, a cada momento da humanidade, uma etapa de seu processo dinâmico e de desenvolvimento. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é uma forma de entender os valores e ideais em que cada sociedade se fundamentou. É desta forma que compreendemos como a criança era encarada em diferentes épocas, tanto pelo adulto quanto pela escola, para termos uma visão mais clara quanto à relação criança e literatura. Além da literatura infantil ser um fenômeno literário, é um produto direcionado às crianças, produto que, em suas origens, era destinado aos adultos.

Para Zilberman:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e

a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais.(...) A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se. (1985, p.18)

Com base nesse pensamento de Zilberman, a literatura para crianças não contradiz aqueles que distinguem a qualidade de qualquer outra modalidade de criação literária.

Percebe-se, desta forma, o quanto a literatura está derramada em nossas vidas, só não se envolve aquele que desconhece ou aquele a quem não tem um convívio com a leitura durante a infância ou a vida adulta. Não se pode negar o quanto o mundo literário participa de nossas vidas de diversas formas, cujos recursos de expressão e de interpretação vão além do mundo das palavras. São essas manifestações literárias que tendem às necessidades artísticas, em sua forma de criação e ao mundo imaginário, fantástico e de sonho, que são importantes na vida do homem.

Para (VIGOTSKI, 2009, p.14):

[...]a imaginação, é a base de toda atividade criadora e se revela em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica. Sendo assim, tudo que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o modo da cultura, diferente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

Os contos de fada conhecidos atualmente surgiram na França, ao final do século XVII, com Charles Perrault um arquiteto e escritor francês. Esse autor trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época, editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. Assim, antes do cunho pedagógico, os textos de literatura infantil tinham o objetivo de leitura e contemplação pela mente adulta.

Posteriormente, Charles Perrault produziu obras para adultos, mas tornou-se imortal pela sua única obra para crianças *Histoires ou contes dutempspassé, avecdesmoralités*(1697). Esta obra ficou conhecida no Brasil, como “Contos da Mamãe Gansa”. Desde então ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

Segundo Cunha (1987, p. 20), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. No âmbito nacional, a literatura infantil brasileira surge com o nosso conhecido escritor Monteiro Lobato.

Carvalho (1987, p. 133) , afirma que:

Lobato é o maior clássico da Literatura Infantil Brasileira. Ele não escreveu apenas livros para crianças, mas criou um universo para elas. (...) A inspiração maior e básica de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a imaginação.

A literatura é uma linguagem específica e expressa determinada experiência, pois, cada época apresenta uma compreensão e uma produção literária diferente. Conhecer essas produções, é descobrir a singularidade de cada um destes momentos da evolução da humanidade, conhecer a produção literária voltada para a infância é desvendar os ideais e valores de cada sociedade.

As relações entre a literatura infantil e as instituições escolares não são por acaso. A escola é um espaço privilegiado para aquisição pelo hábito da leitura, pois ao ter a rotina de leitura nas práticas diárias, as instituições escolares tomam para si o papel de incentivadora, para as crianças, pelo gosto da leitura.

1.2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Todos nós temos uma história para contar, desde algo que contamos para alguém, descrevendo algo que já vivemos ou vimos, ou até mesmo quanto narramos um livro que lemos e é interessante. A arte de contar histórias é uma prática milenar que teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, sendo assim a mais remota figura de comunicação entre as pessoas.

A literatura está presente nas brincadeiras, nas músicas, na arte e nos desenhos infantis. Na Educação Infantil ela está sempre envolvida com as atividades lúdicas, pois promove o desenvolvimento da criança, além da imaginação, da criatividade e de seu senso crítico.

Quando se reflete sobre práticas literárias, é preciso refletir sobre e sugerir práticas e atividades ligadas à literatura, e que se entenda que o educador deverá ser o facilitador da

leitura de forma prazerosa, em que todos têm que se sentir comprometidos no processo educacional.

O ideal da literatura é entreter, instruir e educar as crianças. O prazer deve estar acima de tudo, quando se trata da leitura literária. Coelho (2000), afirma que a primeira função do livro infantil é a estético-formativa, a educação da sensibilidade. É desse modo que a literatura pode intervir no processo ensino-aprendizagem, pois lendo e ouvindo histórias o sujeito desenvolve sua sensibilidade, seu gosto artístico, como também amplia sua maneira de ver e entender o mundo.

O constante contato das crianças com os livros e histórias, acaba auxiliando o seu desenvolvimento, tanto na aquisição da linguagem oral quanto na socialização, na construção de regras e limites na relação com o outro e, sobretudo, no aspecto afetivo que trabalha com o vínculo e a constituição do sujeito.

Para Fernandes (2008), a oralidade é movimento, ritmo e gesto. E depois do surgimento da escrita, os contos são transmitidos nos papéis e perdem a força original. Refletindo sobre isso, podemos associar que a contação de história envolve uma participação coletiva, duas pessoas ou mais precisam participar e se envolver com esse momento.

Segundo Abramovich (2006, p.29), “Ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!”.

Essa cultura de contar histórias está presente em nós, seres humanos, desde sempre. Com isso surgem os contos populares, que aconteciam antes da escrita e acontecem até hoje, tanto nas escolas como nos lares.

Fernandes (2008, p. 19) esclarece:

Ao recuarmos a esse tempo, à época primitiva, das fogueiras, das imagens rupestres, verificamos que o homem teve sempre uma necessidade inata para comunicar com os outros e de criar histórias sobre o desconhecido. É deste modo que surgem lendas e mitos. Através de narrações fantásticas, o homem primitivo compreendia a natureza, o universo e desenvolvia a capacidade de imaginar. Deuses, heróis e personagens sobrenaturais misturavam-se com o mundo real para responderem a interrogações e orientarem o desconhecido.

Ao contar uma história para uma criança, uma história real ou imaginária, dá-se a oportunidade a ela de conhecer as lendas, histórias, contos e fatos de um determinado local. Porém, as histórias contadas ou lidas, devem ser de interesse da criança, estimulando novas leituras, criatividade, ampliando a visão de mundo dos alunos, de uma forma prazerosa e

mágica. Com base na leitura infantil a Base Nacional Curricular (BNCC), traz o seguinte contexto:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (...) Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

A valorização da leitura e contação de histórias na Educação Infantil possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo, pois na maioria das vezes é apenas na escola que elas têm contato com histórias que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, podendo criar e recriar novos textos e iniciar o gosto pela leitura, como espero explicitar na parte da análise dos episódios da sala de aula.

1.3 LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Uma das formas de aproximar a criança do livro e, posteriormente, do gosto pela leitura, é por meio da leitura ou da contação de histórias infantis desde muito antes de se incorporar no mundo escolar.

Segundo Garcia (2013), a história é recreação e terapia, suporte de cultura e, o mais importante, elemento de comunicação, mas, sobretudo um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto. Acredita-se que a própria voz do pai e da mãe durante o ato de ler ou contar histórias, supre a criança de afetividade diária que possivelmente poderá minimizar algum conflito futuro.

O primeiro contexto de interação da criança é a família, e é nela que quase sempre ocorrem as primeiras práticas de leitura, onde os adultos contribuem para o desenvolvimento do conhecimento da criança sobre a linguagem escrita e sua estrutura.

Através da leitura de histórias, esse pequeno leitor aprende que a linguagem dos livros tem suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários, "abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens" (ABRAMOVICH, 1989, p. 14).

Carvalho (1987) acredita que a literatura é a forma de recreação mais importante na vida das crianças, porque manipula a linguagem verbal, proporciona crescimento psicológico, intelectual e espiritual; porque é rica em motivações, sugestões e recursos.

E é na infância que se adquire o hábito de ler; é na criança que estão todas as potencialidades e disponibilidades para o prazer da leitura. (...) A educação não atingiria sua consciência humanística e a aprendizagem não atingiria sua plenitude, sem o imprescindível hábito da leitura que, oportuna e bem orientada, responde às necessidades, às indagações e questionamentos do pequeno leitor. Os livros ajudam as crianças e os jovens a crescer, a encontrar caminhos e soluções para suas proposições, suas inquietações, seus problemas de ordem intelectual, psicológica, ética, moral e social.

(CARVALHO, 1987, p, 194)

Abramovich (1997) acrescenta ainda que ler histórias para crianças é compartilhar momentos de alegria, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, é poder sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o pavor, o bem-estar, a tranquilidade.

Quando o adulto lê para a criança, usa uma linguagem diferente da falada, o que introduz elementos que serão formalizados, posteriormente, na escola. O que contribui para a criança aumentar seu vocabulário, seu campo semântico, e leva-a a descobrir outros lugares, pessoas, culturas, jeito de agir e de ser, sem nunca ter que sair do lugar.

Além disso, Coelho (2000) afirma que quem lê para criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história; promove seu encontro com um modelo de leitor, ao fazê-la captar a entonação, as pausas, a posição do corpo, a maneira de segurar o livro, os comentários que o adulto faz ao ler, para logo poder imitá-lo em atividades de simulação de leitura.

Ao contar uma história para a criança, segundo as ideias de Coelho (1998), proporciona-se a ela muita imaginação e permite-se, também, que veja heróis e heroínas encarando obstáculos, e assim, criam-se condições para que vá aprendendo que é preciso enfrentar um problema e buscar sua própria solução, superando o medo que a inibe. As diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, facilitam a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.

Fazendo uma relação da leitura e contação de história com a imaginação, Abramovich (1997) acredita que ler para uma criança é:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções, que todos vivemos e atravessamos (...) através dos problemas que

vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (...) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

A leitura e a contação de histórias ajuda em diversos aspectos na infância, tanto psicológicos, como pedagógicos e afetivos, como já dito anteriormente. Pensando no aspecto pedagógico é que propus estas práticas narrativas de leitura e contação de história como estratégias para identificar os processos imaginativos nas crianças.

1.4 IMAGINAÇÃO - O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

(...) A imaginação , como a base de toda atividade criadora se manifesta igualmente em todos os aspectos da vida cultural possível criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, ao contrário do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação.

Lev S. Vygotsky

A palavra imaginação em si, deriva do Latim, *Imaginatio*, que significa imagem, representação, visão, pensamento, ideia, ilusão.

O significado da palavra imaginação para Vigotski (2009), é todo o objeto da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são imaginação cristalizada, ou em outras palavras, imaginação materializada, exteriorizada. Pois tudo que criamos é fruto da nossa imaginação, porque em algum momento juntamos experiências antigas e transformamos em novos objetos, e isto é a base da criação.

Vigotski (2009) acredita ainda que toda obra da imaginação se constrói sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Acrescenta ainda que:

A análise científica das construções mais fantasiosas e distantes da realidade, por exemplo, dos contos, mitos, lendas, sonhos etc., convence-nos de que as criações mais fantásticas nada mais são do que uma nova combinação de elementos que, em última instância, foram hauridos da realidade e submetidos à modificação ou reelaboração da nossa imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 20).

Toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Por consequência, a imaginação depende diretamente da abundância e da pluralidade das experiências vividas anteriormente pela pessoa, porque são estas vivências que constituem o material com que se criam e constroem a fantasia.

Pensando nisso, podemos enxergar a possível relação da literatura infantil e da contação de história com a ampliação da imaginação da criança, porque a partir das práticas de leitura e contação de história as crianças terão oportunidade de vivenciar experiências que talvez sozinhas não conseguissem e assim terão cada vez mais experiências que auxiliam na construção de sua imaginação.

Vigotski (2009, p. 23), traz que quanto mais a criança viu, ouviu, e vivenciou, mais ela sabe e assimilou, quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela se dispõe em sua experiência, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.

Deste modo, a realidade também precisa da imaginação, porque podemos imaginar diversos lugares ou acontecimentos, apenas com relatos de outras pessoas. Como acontece nas contações de história, as crianças conseguem imaginar as personagens, o ambiente, os acontecimentos, apenas com o que estão escutando, e posteriormente conseguem construir uma nova história com base no que foi contado e escutado.

Vigotski (2009, p. 25) explica que:

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela se transforma em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.

Portanto, a importância da imaginação para o desenvolvimento das crianças é evidente, porque é com a imaginação que a criança irá compreender melhor tanto os acontecimentos, ou seja, os aspectos do mundo exterior, como as vivências e emoções, que são aspectos do seu mundo interior.

Com base no pensamento de Vigotski (2009), quando as crianças criam suas histórias de faz-de-conta, retiram os elementos das experiências reais vividas por elas anteriormente, mas não os reproduzem na íntegra, realizando uma combinação entre esses elementos e produzindo algo novo.

Com base nesse pensamento, as crianças podem transformar um cabo de vassoura em um cavalo e com ele galopar para outros mundos, pedrinhas e massinhas de modelar viram comidas e com elas fazem deliciosos pratos, uma folha de papel se transforma em barco, avião e até um cachorro, e assim brincam com a imaginação.

O produto da atividade criativa é sempre fruto de seu próprio tempo, do contexto social em que a criança que cria está inserida, e das influências da cultura sobre ela. Por isso, na sua concepção, a criatividade e a imaginação devem ser estimuladas desde a infância e

quanto maior o número de experiências de uma pessoa, maior será o seu processo criativo. A imaginação é constituída sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Sem imaginário não existem sonhos, não existe um mundo a construir.

O imaginário é irreal, mas é ele que está presente no mundo real de quem imagina, é um sonho na realidade. Já a criatividade diz respeito ao estar vivo, é a invenção de imagens visando modificar a realidade. A imaginação e a criatividade existem desde que nascemos, mas para formar uma personalidade criativa é necessário pôr ao alcance das crianças os meios e instrumentos para o seu desenvolvimento, pois a capacidade criadora baseia-se na imaginação.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender o valor das práticas da leitura e contação de histórias no desenvolvimento da imaginação das crianças na Educação Infantil.

Objetivos Específicos

- 1.** Descrever situações do cotidiano pedagógico que envolvem práticas de leitura e contação de histórias;
- 2.** Analisar aspectos que evidenciem a relação entre a atividade de contação de histórias e a imaginação das crianças da Educação Infantil.

2.CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1 - ESTUDO QUALITATIVO

A metodologia que utilizei no desenvolvimento deste trabalho fundamenta-se numa abordagem qualitativa, que provém do paradigma interpretativista.

No paradigma interpretativista, do pressuposto da reflexividade, isto é, a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa. Segundo o paradigma interpretativista, o cientista social é membro de uma sociedade e de uma cultura, o que certamente afeta a forma como ele vê o mundo. Portanto, de acordo com esse paradigma, não existe uma análise de fatos culturais absolutamente objetiva, pois essa não pode ser dissociada completamente das crenças e da visão de mundo do pesquisador. Assim, uma linguagem de observação neutra seria ilusória, pois todas as formas de conhecimento são fundamentadas em práticas sociais, linguagens e significados(...). (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58-59)

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a “pesquisa em sala de aula insere-se no campo da pesquisa social”, e essa é conceituada por Gil (2009, p. 26) como “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

Para definir os procedimentos delineamos neste trabalho como um estudo de campo que, de acordo com Gil (2009), estuda um grupo “ressaltando a interação de seus componentes” e “tende a utilizar muito mais técnicas de observação”. Os instrumentos de construção de informação foram, portanto: a observação e a atuação participante que permitiram os relatos de experiência.

2.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O relato de experiência durante as observações e práticas, vivenciadas ao longo do estágio supervisionado da realização do Projeto 4 Fase 2 - Projetos Individualizados de Prática Docente 2, durante o ano de 2017, sendo realizado 4 (quatro) horas durante duas vezes por semana em sala de aula, totalizando 90 horas de estágio obrigatório.

A observação foi fundamental para esse exercício de pesquisa, pois permitiu que os fatos fossem percebidos diretamente, sem intermediações. O relato de experiência consiste em um texto que descreve precisamente uma dada experiência, fazendo descrições, narrativas,

reproduções e outras anotações acerca dos acontecimentos e experiências vivenciadas em sala de aula.

Na experiência desse exercício de pesquisa, iniciei observando a turma, para que pudesse conhecer as crianças, a rotina, a professora, os demais espaços e os colaboradores da escola. Como meu interesse estava relacionado à leitura e contação de história no desenvolvimento da imaginação, após as práticas de leitura propus reconto oral, dramatização e desenhos das histórias.

Nesse período de atuação participante pude notar que havia um espaço destinado à leitura na sala de aula, com livros sempre disponíveis às crianças, chamado de “Espaço da Leitura”, porém não estava despertando interesse nas crianças. Então, resolvi, junto com a professora, reconstruir um espaço mais aconchegante e que despertasse o interesse dos alunos para o momento da leitura.

Durante a reconstrução do "Espaço da Leitura", eu e a professora confeccionamos almofadas para deixar o espaço mais acolhedor, além das almofadas a professora comprou um tecido com imagens de livros para forrar o tapete onde ficavam os livros. Conseguimos com a coordenação dois armários pequenos, onde colocamos os livros para as crianças pegarem com facilidade. O "Espaço da Leitura", ficou lindo e o principal, permitiu que fossem desenvolvidas ações que possibilitaram tanto a atividade do estágio quanto os relatos de experiência.



Imagem 1- "Espaço da Leitura"

2.3 DESCRIÇÃO DA ESCOLA

A escola na qual as atividades de estágio ocorreram durante o Projeto 4 Fase e 2, foi a EDUSESC - SESC/DF, localizada em Taguatinga Norte tem sua proposta educacional voltada para a construção de um centro de excelência educacional, desde fevereiro de 2005.

A escola tem cerca de 1,9 mil estudantes que cursam os diferentes níveis educacionais. Na Educação Básica, o Módulo de Educação e Cultura oferece a Educação Infantil, para crianças com idade entre 3 e 5 anos; o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano); e o Ensino Médio (1º ao 3º ano). Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é disponibilizado o Ensino Fundamental, para maiores de 15 anos, e o Ensino Médio, voltado para maiores de 18 anos.

Os serviços educacionais do SESC/DF têm um custo reduzido, graças a parcerias e convênios. Além dessa vantagem, a EDUSESC oferece orientação nutricional e lanches para os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (do 1º ano ao 4º ano), serviços de enfermagem e UTI móvel, laboratórios de Ciências e Informática, acompanhamento pedagógico com Coordenadores, Orientadores Educacionais, Psicólogos nas Salas de Recursos e projetos de cunho artístico, cultural, social e ambiental.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a escola possui;

Quatro pavimentos, onde o térreo localiza a parte administrativa da escola, o primeiro andar, localiza-se as salas da Educação Infantil, o Laboratório de Informática, Sala da Coordenadora e Orientadora, Sala de Recursos e Refeitório, segundo andar localiza-se o Ensino Fundamental que além das salas de aula têm uma enfermaria e as salas da Coordenadora e da Orientadora Educacional, e o terceiro andar se encontram as salas do Ensino Médio, com salas da Coordenadora e Orientadora Educacional, e Sala de Recursos, além disso a instituição tem parques de emborrachado e de areia, quadra de esportes para a realização das atividades físicas, lanchonete, teatro e biblioteca. (SESC, 2015, p. 41)

Realmente a estrutura física da escola, citada no PPP, é muito boa, possui um amplo pátio e parquinho. A sala dos professores é bem utilizada, sem falar da biblioteca que é impecável e repleta de livros disponíveis para o uso dos alunos e professores.

O Projeto Político-Pedagógico da instituição é atual, onde a organização pedagógica da Educação Infantil tem como objetivo a formação básica do cidadão, garantindo a todos o desenvolvimento da capacidade de aprender e se desenvolver.

A capacidade de aprender refere-se aos aspectos cognitivos, atitudinais, comportamentais e valorativos da pessoa, ressaltando que nesse nível da educação básica,

aborda a desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores, assim como o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca.

2.4 CARACTERÍSTICAS DA TURMA

O trabalho foi realizado em uma turma de Educação Infantil, com vinte e cinco crianças, quatorze meninos e onze meninas, entre os quatro e cinco anos de idade.

A professora regente é formada em pedagogia, com formação continuada em nível de especialização de Orientação Educacional e Educação Infantil, trabalha na instituição há 6 anos, mas na área da educação há 9 anos, além de atuar na turma de quatro anos, já atuou em turmas de três e cinco anos.

Durante o período de observação e práticas em sala de aula, pude perceber que a turma como um todo, era bem tranquila, tanto nas questões de comportamento quando para o desenvolvimento de atividades.

Nas atividades da sala de aula, as crianças podem escolher entre os espaços de aprendizagem, que são: "Consultório Médico", que possui instrumentos que imitam um consultório real; "Cozinha", onde tinham utensílios domésticos; "Espaços dos Jogos", legos, blocos alfabéticos, dominós, etc.; "Espaço da Atividade", local destinado às atividades diárias e o "Espaço da Leitura", local com livros e fantoches. Este último espaço de aprendizagem é o ambiente que percebi durante a observação que não estava despertando interesse nas crianças, portanto, com a reconstrução dita anteriormente os alunos ficaram mais envolvidos e interessados pelos livros.

Em todas as intervenções de observação e práticas que propus para a turma, que se manteve interessada em ouvir as histórias e em participar da atividade proposta em seguida, pude constatar que, o que faltava para esse interesse era um cantinho onde os alunos pudessem sentir à vontade para expressarem sua curiosidade e imaginação.

2.6 PLANEJAMENTO

O estágio aconteceu durante o ano de 2017, com encontros duas vezes na semana, com um período inicial de observação e participação das atividades propostas pela professora e outro de prática, ocorrendo a construção e consolidação do estágio.

Durante o estágio desenvolvi um pequeno Projeto Pedagógico, nomeado de "Roda da Leitura", visando a prática de oralidade, leitura e imaginação das crianças. Pois é da leitura,

que o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência, por meio de desenhos, dramatização e imaginação.

O planejamento exposto a seguir evidencia as três atividades mais importantes desenvolvidas com a turma que foram utilizadas como estratégias pedagógicas e, também, como instrumentos de pesquisa deste trabalho. Escolhi o livro Barquinho de Papel a partir de uma indicação da professora regente, porque a turma estava trabalhando com um projeto sobre água, então levei a história para desenvolver com a imaginação dos alunos, com o objetivo de estimular a criatividade e o imaginário das crianças. A história da Chapeuzinho Vermelho foi escolhida porque é um conto de fadas, conhecido por todas as crianças, então, sabia que elas contariam a história junto comigo e, também, iriam querer participar da dramatização. E a história da Menina Bonita do Laço de Fita, usei especificamente para explorar importância da diversidade e, também, mostrar que as crianças devem respeitar as diferenças.

2.6.1 BARQUINHO DE PAPEL

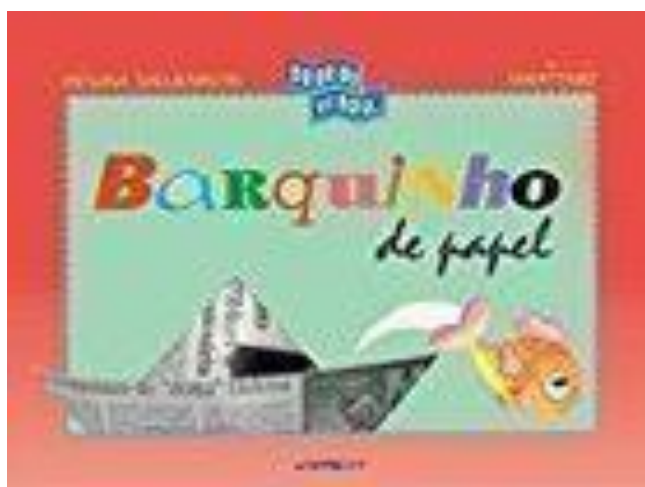


Imagem 2 - Livro Barquinho de Papel - Regina Siguemoto

Autor: Regina Siguemoto

Ilustração: Martinez

Resumo: Um menino que queria ver o fim do mar e assim construiu um barquinho e saiu em viagem.

Objetivos: Ler Barquinho de Papel; promover o reconto oral aos alunos a partir do que foi entendido.

Estratégia: Reconto a partir do entendimento de cada aluno.

2.6.2 CHAPEUZINHO VERMELHO



Imagem 3 - Capa do Livro Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault

Autor: Charles Perrault

Ilustração: Georg Hallensleben

Resumo: A mãe de Chapeuzinho Vermelho pede que vá até a casa da vovó entregar uma cesta de doces, mas no caminho Chapeuzinho é surpreendida pelo Lobo Mau.

Objetivos: Contar com apoio de fantoches a história da Chapeuzinho Vermelho.

Estratégia: Dramatização/encenação da história, a partir do que se conhece acerca da história.

2.6.3 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

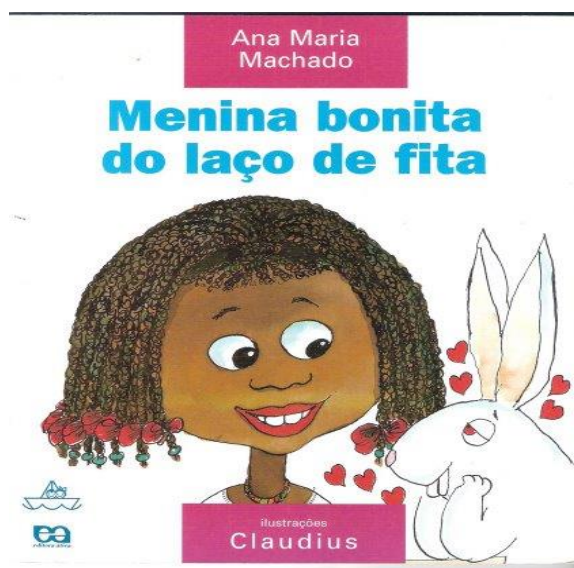


Imagem 4 - Livro Menina Bonita do Laço de Fita - Ana Maria Machado

Autor: Ana Maria Machado

Ilustração: Claudius

Resumo: Uma linda menina negra desperta a admiração de um coelho branco, que deseja ter uma filha tão pretinha quanto ela. Cada vez que ele lhe pergunta qual o segredo de sua cor, ela inventa uma história. O coelho segue todos os conselhos da menina, mas continua branco.

Objetivos: Ler Menina Bonita do Laço de Fita; Desenhar a parte que mais gostou.

Estratégias: Imaginar e desenhar a parte favorita da história.

2.7 REGISTROS

Os registros da pesquisa foram feitos em um relatório de estágio, transcritas a partir de um diário de bordo que acompanhou todo o estágio. Neste diário descrevia as experiências diárias, os encantamentos, as frustrações, as indagações e dúvidas minhas e das crianças. Como instrumento de pesquisa também utilizei desenhos dos alunos e fotos do Espaço da Leitura, para melhor representar os relatos.

3. CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo irei analisar e discutir sobre os quatro episódios mais marcantes que ocorreram ao longo das vivências da pesquisa. Esses episódios foram: Passeio pelo parque de diversões; Barquinho de Papel; Chapeuzinho Vermelho; Menina Bonita do Laço de Fita. Escolhi estes quatro episódios porque foram muito significativos durante o período da pesquisa e conseguiram corresponder aos objetivos planejados e específicos deste trabalho.

3.1 PASSEIO PELO PARQUE DE DIVERSÕES

Em um dos momentos de observação, pude presenciar uma atividade pedagógica intitulada pela professora de "Passeio pelo Parque de Diversões". No momento da acolhida, todas as crianças estavam sentadas na rodinha, como forma de acalmar e chamar a atenção das crianças para os assuntos da conversa na rodinha. A professora os convidou para passear no parque. Eu achei que poderia ser uma música, mas, na verdade todas as crianças participaram deste passeio imaginário, segue relato:

Após convidar as crianças para um passeio no parque de diversões de olhos fechados, a professora diz:

- Hoje é o nosso passeio para o parque de diversão! Será muito legal, vamos ter um lanche bem gostoso e vamos nos divertir bastante.

As crianças então, ficaram bem animadas e a professora foi falando:

- Vamos crianças, subam no ônibus, cuidado com a escada, senta do lado do seu amigo e coloque o cinto de segurança.

Nesse momento tanto a professora quanto os alunos gesticularam, colocando o cinto, conforme foi dito. E a professora continuou:

- Estamos chegando no parque, vocês estão preparados?

As crianças gritam:

- Siiim!

Alguns segundos depois, a professora avisa para as crianças, que chegaram ao parque e é para tirar o cinto de segurança e descer do ônibus devagar para não se machucar.

As crianças tiram o cinto e começam a bater os pés no chão, como se estivessem descendo do ônibus.

Então a professora fala:

- Olhem só crianças, quantos brinquedos...

Algumas crianças começam a falar:

- *Nossa que brinquedo legal, eu vou nesse.*

- *Quero ir na roda gigante...*

- *Eu quero ir na montanha russa, porque eu não tenho medo de altura não.*

A professora logo falou:

- *Vamos todos primeiro na montanha russa, quero ver quem vai ter coragem.*

As crianças fizeram barulho como se estivessem andando em direção a montanha russa.

- *Sentem, coloquem o cinto e segurem com bastante força, que já vamos partir.*

Durante a brincadeira na montanha russa a professora começa a falar:

- *A montanha russa está partindo, quero ouvir um grito bem alto.*

As crianças começam a gritar e logo a professora intervém, falando para colocarem as mãos para o alto e sentir o vento batendo no rosto.

- *Uhul! Disse uma criança.*

- *A montanha russa está parando, cuidado, vamos descer devagar. Disse a professora.*

- *Agora vamos lanchar para voltar para a escola e contar tudo que fizemos para os pais.*

As crianças fizeram como se estivesse pegando o lanche, comendo e em seguida subindo no ônibus para voltar à escola. Então a professora disse:

- *Estamos voltando para a escola, o nosso passeio foi muito divertido, quem gostou?*

Todas as crianças levantaram as mãos e falaram que adoraram o passeio e que queriam voltar mais uma vez.

- *Estamos chegando na escola, enquanto não chegamos vamos cantar...*

As crianças começaram a cantar uma música junto com a professora. Quando a música terminou a professora falou:

- *Pronto! Chegamos! Quem vai falar para os pais sobre o nosso passeio?*

Todas as crianças falaram juntas que iriam contar para os pais que tinham feito um passeio bem legal e que queriam ir mais uma vez.

Ao descer do ônibus e chegar na sala, a professora continuou falando, com uma voz bem calma, para as crianças aos poucos abrirem os olhos e respirar bem forte, pois o passeio havia chegado ao fim e que logo eles teriam outro passeio.

Este episódio foi o primeiro a me chamar atenção, porque consegui enxergar com mais clareza o processo de imaginação que as crianças vivenciavam. O passeio pelo parque de diversões, reafirma o que Vigotski (2009) acredita sobre a imaginação ter o poder de ampliar as experiências de um indivíduo, porque a partir do que as crianças estavam aprendendo e das

intervenções da professora, elas puderam imaginar o que não viram e ainda que não tivessem vivenciado a montanha russa, grande parte do passeio imaginário era parte do cotidiano das crianças.

A respeito da criação coletiva dessa brincadeira, podemos entender melhor Vigotski (2009, p. 16) quando afirma que:

A criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, (...), deve sua origem ao processo de criação do homem. (...) Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras.

Além disso, com a atividade coletiva a professora favoreceu a relação de cada uma das crianças com seu próprio pensamento imaginativo, evidenciando a relação social-individual de ações e processos característicos do contexto educacional.

A criação do passeio imaginativo demandou criatividade tanto das crianças como da professora, sobre isso Mitjans Martínez (2009) citada por Vieira (2015, p. 91) acrescenta:

(...)podemos compreender a criatividade como um sistema complexo, centrado no desenvolvimento cultural da humanidade, que demandará as necessidades do que será ou não relevante ser criado. Nesta perspectiva, o desenvolvimento da criatividade elenca fatores individuais e sociais, que se desenvolvem em unidade no sujeito.

A partir deste episódio, a imaginação ganhou um espaço essencial no meu trabalho, já que pude notar melhor a presença e a importância da imaginação nos momentos de criação, brincadeiras e até de aquisição de conhecimento.

Ao terminar o passeio imaginativo, pude perceber que não houve um espaço para as crianças dialogarem e falar as suas experiências individuais no momento do passeio, a professora poderia ter inserido um momento de troca de experiências a partir do imaginário de cada criança, onde a partir de cada relato, as crianças poderiam realizar um registro desse momento por meio de desenhos.

3.2 BARQUINHO DE PAPEL

A história foi contada para a turma usando um recurso simples, a dobradura em papel. Trata-se da história de um menino que queria ver o fim do mar e assim construiu um barquinho e saiu em viagem. A construção do barquinho de papel aconteceu diante dos olhos encantados das crianças e passou pela casa, depois pela montanha, pelo chapeuzinho de marinheiro, pelo mapa, pelo copo onde ele mata sua sede enquanto trabalha, até chegar ao

barquinho, que navega levemente entre as ondas, representei as ondas, passando o barquinho nas cabeças das crianças.

A história é um pouco triste porque o mar, com raiva, acaba empurrando o barquinho contra as rochas. Amassado, o barquinho se rompe, se rasga, e depois afunda. Que tristeza. Tudo que sobra, depois das fortes batidas no barco, a blusinha de marinheiro Davi, nome dado para o menino da história, que surgiu do desdobramento do barquinho "quebrado" e afundado.

Perguntei para as crianças:

- *"Será que ele morreu?"*.

Alguns responderam que sim e outros que não. Então falei: *"Claro que não, ele nadou e conseguiu chegar até a margem! Davi não morreu meus amores, olhem só ele ali. Davi como você fez isso?"* E tudo acabou com gargalhadas.

Demos lugar ao faz-de-conta refletido na realidade compartilhada. As crianças se sentiram no mar como o personagem da história e a cada narrativa eles iam imaginando o que estava acontecendo.

Depois da contação da história, todos queriam ter o seu próprio barquinho de papel. Como eu já havia levado os barquinhos de papel prontos, foi distribuído um barquinho para cada criança e logo em seguida pedi para que cada um decorassem o seu barquinho da forma que se sentisse mais à vontade, sendo bem colorido. Ficaram uns mais lindos que os outros.

A história "Barquinho de Papel", trata-se de um faz de conta, e foi utilizada para estimular a imaginação das crianças. Esse "fazer de conta" é magnífico, pois podemos transformar um pedaço de pau por exemplo, em um cavalo, dar vida a coisas inanimadas. Dessa forma, as crianças aprendem a dominar regras, trabalhar suas emoções, seus medos, e podem experimentar diferentes papéis sociais.

Segundo Bettelheim, citado por Filgueiras (2013, p.49):

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (Bettelheim, 1980, p, 20).

A imaginação é elemento fundamental para que a criança aprenda mais sobre o modo de relacionar-se com as pessoas, consigo mesma e com o outro. Quando é convidada a participar de situações em que pode criar, representar papéis e interagir consigo mesma e com os outros.

Nas diversas atividades de faz de conta que podem ser criadas no ambiente escolar, é possível proporcionar prazeres e divertimento, construindo-se um espaço fundamental para o desenvolvimento de diferentes condutas. A criança sai alegre e cheia de experiências. A contação histórias aumenta o repertório de conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens características singulares, assim como foi feito durante a contação da história, que possibilitou o desenvolvimento da relação da criança consigo mesma.

As crianças se sentiram no mar como o personagem da história e a cada narrativa eles iam imaginando o que estava acontecendo colocando-se no lugar desse personagem. Quiseram aprender a fazer o “Barquinho de Papel” utilizado na contação da história, o que foi bastante prazeroso.

3.3 CHAPEUZINHO VERMELHO

Neste encontro, levei fantoches feitos de papel e contei a história de contos de fadas da Chapeuzinho Vermelho. Os contos de fadas são importantes para as crianças, segundo Bettelheim (2007, p. 12)

(...) porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com a qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e como base nisso poder criar ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que, de modo sutil, a conduza às vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos, abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto e, portanto, significativo.

Como essa história já é bem conhecida pelas crianças, elas puderam me ajudar em várias partes. Como, por exemplo, no momento que a Chapeuzinho caminha pela floresta e canta. Eles sabiam cantar a música inteira. Todos estavam bem atentos à história e quando terminei, até antes de explicar que iríamos fazer uma dramatização, eles já estavam dizendo:

- *Eu sou a Chapeuzinho!*

- *Eu sou a mãe!*

- *Eu quero ser o lobo!*

E, então, separei todas as crianças que queriam ser a mãe, a Chapeuzinho vermelho, o lobo, a vovó e o caçador. Definimos juntos os lugares da sala que representariam a casa da Chapeuzinho e a casa da vovó. Pegamos uma mochila de um aluno para representar a cesta de doces que a Chapeuzinho levava à vovó.

As crianças, por já conhecerem a história, encenaram e narraram o conto praticamente sozinhas, foi bastante divertido e interessante ver o desenvolvimento e a participação de todas as crianças.

Com a dramatização da Chapeuzinho Vermelho as crianças puderam recontar a história junta. A atividade pode ser explicada com apoio de Vieira (2015, p. 96), que afirma:

A atividade realizada pelas crianças na leitura/escuta dos contos de fadas permite que as mesmas (re)criem situações imaginativas que as envolve com(o) os personagens das histórias, indicando a agência de um sujeito complexo (González Rey, 2009) sujeito da unidade emoção-cognição-imaginação.

Sobre a brincadeira das crianças no ato da dramatização e a imaginação, Vigotski (2009, p. 17) comenta:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade.

A cada episódio vivenciado, foi possível identificar os processos imaginativos das crianças. Neste pude perceber a facilidade que elas têm em encenar as histórias, já que era um conto de fadas conhecido por todos e assim foi possível compreender que as criações são nada mais do que uma nova combinação de elementos que, em última instância, foram hauridos de outros momentos vividos e submetidos à modificação ou reelaboração da nossa imaginação.

3.4 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

A história foi escolhida para trabalhar o desenvolvimento do tema da diversidade, mas não somente com o objetivo de apresentar aos alunos a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, mas para mostrar que as crianças devem respeitar as diferenças, para que elas se apropriem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, e também com o objetivo de elevar a autoestima dos alunos negros que haviam na sala de aula.

Antes de iniciar a história, mostrei a capa do livro para os alunos, para que eles pudessem fazer a leitura da imagem e tentar descobrir antecipadamente sobre o assunto que o livro traria. Para a participação da turma fui fazendo perguntas como:

- *"Qual a cor da pele da menina?"*

E muitos responderam:

- *"Marrom tia!"*

- *E a do coelho?*

- *"Branco!"*

- *"E o cabelo da menina, quem usa cabelo desse jeito?"*

Essa pergunta praticamente só as meninas responderam, e foram respostas como: - "Eu usaria!".

- *E então tornei a perguntar: "Qual o nome do penteado que a menina está usando?"*

E responderam:

- *"Trancinha, Cachos..."*.

E voltei a perguntar: Olhando para a capa do livro, se vocês fossem dar um nome para esta historinha qual seria? Sobre o que vocês acham que é a história que eu vou contar?, dentre outras perguntas.

Após a leitura da imagem da capa do livro "Menina bonita do laço de fita", iniciei a contação da história para as crianças com o auxílio do próprio livro, pois o mesmo traz imagens ilustrativas belíssimas e que ajudam na compreensão das crianças. Foi muito prazeroso ver os olhinhos deles atentos e curiosos, e a alegria deles a cada parte da história que eu ia contando.

Com o término da contação da bela história, fiz uma rodinha e conversei com as crianças, levantando algumas questões para que elas pudessem pensar e expressar opiniões.

Reli novamente o trecho da história *"O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto em toda a vida! E pensava: - Ah, quando eu casar quero ter uma filhinha pretinha e linda que nem ela!"*. E perguntei as crianças: *"O que é ser bonito? Como uma pessoa deve ser para ser bonita?"*. Na medida em que as crianças foram colocando suas opiniões eu fui perguntando mais ainda: *"O que é o diferente? Ser diferente é legal? Vocês são diferentes?"*. Dentre outras perguntas.

Em seguida falei a importância da diferença de cada um, e disse para eles que o importante é ser diferente, pois já pensou se todos nós fôssemos iguais? Perguntei novamente

a cor da menina da história e todos responderam "Pretinha", e chegaram a me questionar porque que no livro ela é Marrom mas na verdade a cor dela é "Preto".

Outro trecho interessante que eu reli foi sobre a descoberta do coelho de que *"a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos"*, e aproveitei para perguntar às crianças com quem elas achavam que se pareciam.

Para encerrar, após a leitura e contação da história, eu pedi para que as crianças fizessem em uma folha branca desenhos ilustrativos sobre a história ouvida, das partes que mais gostaram. E pedi para que eles perguntassem aos pais com quem eles acham que se parecem.



Imagem 5 - Desenho da Menina Bonita do Laço de Fita

A apresentação dessa história como estratégia para trabalhar em sala de aula a percepção da identidade no contexto das diferenças, possibilitou a reflexão das crianças acerca da identidade delas e as diferenças existentes na escola e fora dela.

A mediação pedagógica nessa história, assim como nas demais, foi feita por meio de questionamentos antes e após a contação da história. Abri espaço para questionar os alunos e para eles comentarem sobre o que conseguiram apreender com as experiências dos personagens, principalmente o coelho e a menina. Durante a fala dos alunos foi possível identificar que os mesmos perceberam que a história trata sobre as diferenças existentes entre as pessoas, aborda valores como a amizade, amor familiar, adverte sobre os perigos de se utilizar a mentira no nosso cotidiano, entre outros aspectos.

Segundo Coelho (2000, p. 27) citado por Vieira (2015, p. 94) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo,

o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. E explica ainda que:

(...)o desenvolvimento humano se constitui por meio de sua consciência cultural, é relevante compreendermos a importância do papel que a literatura pode vir a desempenhar para as crianças. Pois, a literatura, dentre as demais manifestações artísticas, é a que “atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam a sociedade e ou uma civilização”.

A contação de histórias possibilita experiências desafiadoras e construtivas tanto para as crianças quanto para os professores, pois basta saber planejar e escolher uma boa história e um recurso propício para contá-la, de forma para atrair a atenção das crianças e prepará-las para novas descobertas em todos os meios de vivência.

Portanto, a partir das práticas com a contação de histórias desenvolvidas durante a realização do estágio que originou este trabalho, pude perceber que a Literatura Infantil é um recurso primordial para o desenvolvimento da criança como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa desenvolveu-se com intuito de compreender o valor das práticas da leitura e contação de histórias no desenvolvimento da imaginação na Educação Infantil. Acredito que atingi este objetivo, a partir dos seus desdobramentos específicos, porque pude entender melhor a relação entre a literatura infantil e a imaginação, já que a contação de histórias oportuniza vivências e emoções que possivelmente a criança não consiga experimentar sozinha e estas auxiliam na construção de seus saberes.

Contar e ler histórias implicam em desenvolver um potencial criativo da criança, pois é através das histórias que a criança é levada a pensar e questionar, possibilitando o desenvolvimento da imaginação.

Durante o relato de experiência, consegui identificar os processos imaginativos das crianças em práticas de leitura e reconto oral com apoio do livro, a dramatização e dos desenhos das crianças após a contação.

Os momentos criativos também foram muito interessantes, porque pude perceber que as crianças se utilizam da criatividade e imaginação não só em momentos de brincadeiras, mas também, em relação à fala, à comunicação.

A contação de histórias é uma prática muito presente no contexto escolar. A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas, aflora a imaginação de quem está ouvindo. De acordo com o desenvolvimento deste trabalho, ficou evidente que a contação de histórias pode e deve ser usada como processo de desenvolvimento imaginativo das crianças.

Ler para as crianças, além de práticas para desenvolver a imaginação, também foi um momento de compartilhar experiências, alegrias e vivências literárias muito ricas. Ainda tive a oportunidade de trabalhar em conjunto com a professora na realização da leitura de uma história a cerca de um projeto desenvolvido na turma e reconstruir o Espaço da Leitura, transformando-o em um espaço mais aconchegante, além de ensiná-las a cuidar e a valorizar objetos e pessoas que estão ao nosso redor.

A contação de histórias na educação infantil é uma prática didática, que além de estimular o imaginário, estimula o hábito da leitura, fazendo com que as crianças sintam-se mais a vontade e mais motivadas a aprender e desenvolver aspectos a partir da oralidade.

A minha experiência a partir do objetivo da pesquisa, buscou estimular a imaginário da criança a partir do reconto, da dramatização e dos desenhos, de forma lúdica, ensinando-lhes a compreender e ouvir boas histórias. A contação de histórias da educação infantil, poderia ser uma prática diária na rotina escolar, pois o valor dessa atividade intervém no desenvolvimento das crianças, além de estimulá-las a conhecer os livros e assim podendo apaixonar-se pela leitura.

Apesar de se constituir como um exercício de pesquisa, este trabalho foi enriquecedor, possibilitando um olhar diferente para os aspectos das crianças, porque me proporcionou momentos essenciais de reflexões, fazendo assim entender melhor a importância da literatura e da imaginação na infância, além de me oportunizar a ler livros incríveis e muito ricos sobre o assunto.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Como já disse no Memorial, sempre quis ser professora. Então, concluindo a graduação pretendo atuar em sala de aula, na Educação Infantil ou Ensino Fundamental I, na rede pública de ensino, por meio de concurso na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, porque acredito que terei mais liberdade de atuar, seguindo o pensamento de Lev S. Vigotski.

Em um futuro próximo penso em fazer uma especialização em psicopedagogia e alfabetização, seguindo a linha de pesquisa deste trabalho, com projetos de leitura e contação de história no desenvolvimento tanto da imaginação.

Pretendo também fazer mestrado e doutorado para ser cada vez mais uma professora melhor para meus educandos da Educação Infantil ou Ensino Fundamental I, e me tornar quem sabe uma professora universitária.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices* 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. – (Estratégias de ensino; 8).
- CARVALHO, Bárbara V. *A Literatura Infantil: histórica e crítica*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1987.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teorias, análise, didática*. São Paulo. Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes Cunha. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- FERNANDES, Ana M. A. *Da fábula ao imaginário infantil: recepção interpretativa das crianças de uma história tradicional*. Braga, Portugal. Universidade do Minho/ Instituto de Estudos da Criança, 2008. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança.
- FILGUEIRAS, Dyelly Costa. *A contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças*. 2013. 70 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. *Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário*. São Paulo: (UNIRP), 2013.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. – 6. Ed. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

KRAMER, Sônia. *A infância e sua singularidade*. In: *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OLIVEIRA, Paula Gomes de: *Histórias inventadas: narrativas, imaginação e infância nos primeiros anos do Ensino Fundamental*. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

SESC. DEPARTAMENTO NACIONAL. *Projeto Político Pedagógico*. Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Kátia Oliveira. VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. *Emoção e imaginação: a experiência estética de crianças com o conto de fadas*. - Curitiba: CRV, 2017. 96 p.

SIMPLÍCIO, Sarah Marinho de Sousa. *Leitura e contação de histórias: estratégias pedagógicas no desenvolvimento da imaginação infantil*. 2015. 58 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VIEIRA, Débora C. S. C. *A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias*. Tese de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2015.

VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.